

UMA FÉ EXEMPLAR

Meditação sobre Lucas 7.1-10

Rev. Paulo Severino da Silva Filho

INTRODUÇÃO

O texto nos fala da cura que Jesus realizou de um servo de um centurião. (Um centurião era um oficial do exército romano, responsável por 100 soldados, que formavam uma centúria – daí seu título de centurião.) Não era um centurião comum; ele simpatizava com os judeus (v. 5). Sendo rico e generoso, construíra boa reputação de amizade com os judeus, e, por isso, era considerado digno de ajuda (v. 4b).

O centurião pede por um servo seu muito estimado, quase à morte. Jesus, que nunca negou nada a ninguém, dispõe-se a atender (v. 6a), como sempre fez, sem condições nem ressalvas. E Jesus faz, ao final da narrativa, um grande elogio à fé daquele homem (v. 9b).

É disso que o texto nos fala, de fé. Todos somos chamados a ser pessoas de fé. Sem fé, não há agrado de Deus, não há salvação, não há vida cristã. Trata-se aqui de uma fé elogiada pelo próprio Senhor Jesus – e curioso: fé de um gentio, um pagão, não de um membro do povo de Deus. Trata-se, em uma palavra, de uma fé exemplar, que deve, portanto, ser imitada por todos os crentes em Cristo. Vamos, pois, refletir brevemente sobre a fé do centurião, UMA FÉ EXEMPLAR.

Uma fé exemplar se caracteriza por

I) HUMILDADE

Veja a humildade do centurião: Ele não se considerava a si mesmo digno de receber Jesus em sua casa, nem mesmo de ir ter com ele, por isso faz seu pedido chegar a Jesus pela mediação dos anciãos dos judeus. Era considerado digno pelos judeus, mas ele mesmo não se considerava digno (v. 6b-7a).

O centurião tinha consciência de sua insignificância – o que falta a muita gente. Ele manda dizer a Jesus antes de mais nada: “Também eu sou homem sujeito à autoridade”. Não diz em primeiro lugar: “Tenho autoridade”, embora a tivesse (v. 8). Não quer se fazer de importante, nem melhor do que ninguém. Quer, antes, deixar claro que sabe o que é obedecer, o que é se submeter, o que é reconhecer a autoridade de outrem. E quando fala de sua própria autoridade, é para deixar claro que reconhece a autoridade de Jesus, maior do que a sua.

O centurião é um homem humilde. Diferente de tanta gente que vai ao Senhor cheia de exigências, de reivindicações, como se tivesse direito a alguma coisa. São pessoas que se atrevem a determinar ao Senhor o que ele deve fazer, como se o Senhor pudesse ser manipulado; ou que se atrevem a garantir aos outros o que o Senhor vai fazer, como se o Senhor fosse servo delas, e não elas servas do Senhor. Esquecem-se de que tudo o que alcançamos do Senhor é fruto de sua misericórdia, não do nosso merecimento; e que não podemos lhe dar ordens, mas tão-somente suplicar-lhe o favor, com toda a humildade. Como fez o centurião.

Fé é caracterizada pela humildade. Nada tem a ver com exigências e reivindicações; muito menos com orgulho e com arrogância.

Primeira lição: Sejamos humildes em nossas súplicas. Ainda que tenhamos qualidades e capacidades, como tinha o centurião, nenhuma delas nos dá direito de exigir ou reivindicar qualquer coisa de Jesus. Reconheçamos, antes de tudo o mais, nossa indignidade e nossa falta de merecimentos diante do Senhor. Como fez o centurião.

II) CONFIANÇA

Vejam a confiança do centurião: “Manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado” (v. 7b). Assim o centurião expressa seu reconhecimento da capacidade de Jesus para socorrer, pela simples palavra. É como se dissesse: “Basta uma palavra tua”.

O centurião reconhece que o Senhor pode, sempre (é bem diferente dessa coisa estranha que se ouve tanto nas orações da Igreja hoje: “Senhor, que tu possas...”). O Senhor pode. Porque tem autoridade. E a autoridade do Senhor não conhece barreiras: não importa a gravidade da situação, nem a distância física, nem as diferenças de todo tipo (sociais, culturais, religiosas) que freqüentemente separam as pessoas. Mesmo não sendo judeu, o centurião confiava no atendimento de Jesus. Pois Jesus não veio para ser Senhor só de judeus, mas de todas as pessoas. Senhor que pode e quer socorrer, sempre. Senhor cujo poder não tem limites (capaz de curar pela palavra, à distância); Senhor cuja misericórdia não tem fronteiras nem preconceitos (para gente de todos os povos). Basta crer, mesmo sem ver. Crer piamente, incondicionalmente, no seu poder e na sua misericórdia. Fé autêntica = confiança absoluta, sem sinais nem provas. Sua palavra é suficiente. E é nessa palavra que temos de crer.

Ressaltar isso é importantíssimo, porque vivemos num mundo marcado pelo ceticismo. (Ceticismo é a atitude dos que descrêem de tudo, e até duvidam da fé.) Até na Igreja encontramos céticos. Até entre seus ministros. Mas fé nada tem a ver com ceticismo. É permeada por dúvidas, pois não há fé sem dúvidas, sem questionamentos, sem perguntas que não têm respostas; mas não marcada por incredulidade. Fé ou é confiante, ou não é fé. Mas fé confiante não significa fé ingênua. “Fé cega, faça amolada”, diz com sabedoria o compositor popular. Crentes devem ter espírito crítico, se não quiserem ser fundamentalistas, aceitando tudo sem reflexão, sem colocar as coisas em perspectiva histórica, sem bom senso. O fundamentalismo, de qualquer matiz, seja ele cristão, judaico, muçulmano ou secular, é muito perigoso, pois mata a inteligência, a razão. E matando a razão, para passar a matar pessoas é só um pequeno passo, que os fundamentalistas a longo da história humana não têm hesitado em dar. Mas igualmente pernicioso é o ceticismo. Longe da Igreja tais coisas.

Segunda lição: Confiemos no Senhor, no seu poder e misericórdia, que se revelam por sua palavra, que nos basta. Como fez o centurião.

III) INTERESSE PELO OUTRO

Vejam o interesse pelo outro mostrado pelo centurião: ele pede não por si mesmo, mas por seu servo. Já havia mostrado interesse pelos outros ao ajudar os judeus na construção de sua sinagoga, agora o mostra também em sua intercessão por um seu criado, “a quem muito estimava”.

A fé do centurião é uma fé verdadeiramente grande. Uma fé que vence o espírito egoísta, interesseiro, individualista reinante. Sim, este é um mundo egoísta, interesseiro, individualista. De pessoas que só querem se dar bem, ou ao menos primeiramente e principalmente se dar bem. Que não se importam, ou que se importam muito pouco e muito raramente com os outros. Que pedem a Deus vitórias, na vida, no esporte, na guerra, no amor, mesmo que isso implique a derrota dos outros. “Ah, Senhor, dá-me aquela vaga... aquele campeonato... aquele recorde... aquele triunfo na batalha...” E se houver, entre os outros competidores, ou entre os outros soldados, crentes também? E crentes pedindo a mesma coisa? Deus fica colocado contra Deus? Que maluquice. Mas, se há até mesmo aqueles que enveredam pelos caminhos do ministério para se locupletar, pensando apenas em sua prosperidade pessoal, em seu enriquecimento... Que vergonha para o Evangelho!

Mas fé autêntica é solidária, serviçal. Quem vai a Jesus não pode pensar apenas em si mesmo, mas importe-se com o outro, tem consideração pelo próximo, quem quer que ele seja. Compreende que a própria felicidade liga-se profundamente à das pessoas – sabe não adianta termos nossos problemas pessoais resolvidos, enquanto tudo e todos à volta continuam mal.

Fé é serviçal e solidária. Pois assim é o amor de Deus, serviçal e solidário. Sempre em busca do bem do objeto amado. Fé implica amor. E amor implica doação. Logo a fé, que opera pelo amor, também implica doação. No seguimento do exemplo dado pelo próprio Deus, que “deu o seu Filho Unigênito para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”; e pelo Filho de Deus encarnado, o Filho do homem, que “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos”; que veio ao mundo para “buscar e salvar o perdido”. Por amor de nós.

Terceira lição: Sejamos pessoas interessadas nos outros. Como o centurião.

CONCLUSÃO

Somos todos chamados a imitar a fé do centurião. Fé exemplar. Fé caracterizada pela humildade, pela confiança, pelo interesse pelo outro. Marcas indispensáveis de uma vida cristã bem-sucedida.

Deus nos abençoe, nos guarde, e nos ajude a crer e a viver assim.

Rev. Dr. Paulo Severino

**O autor é pastor da Igreja Presbiteriana do Brasil, professor do Seminário Simonton, onde exerce as funções de coordenador do Departamento de Teologia Exegética e do Curso de Bacharel em Teologia, e doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Para falar com o autor, envie um email para: gloriapaulo@easylino.com.br*



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958